

Preâmbulo

A escola encarou um dos maiores desafios durante a pandemia do covid-19: desenvolver trabalhos que envolvam os múltiplos letramentos, a multiculturalidade e a multimodalidade! Justamente neste contexto que se torna explícita a necessidade de um letramento para melhor compreensão de mundo, isso porque, como dissera Freire (2003, p. 13) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Destarte, o modelo ideológico de letramento pensado por Street (1984) demonstra que as pessoas precisam interagir socialmente. Para este autor, o letramento ideológico vai muito além dos aspectos culturais, visto que, como assegura Kleiman (1995), letramento é uma prática social. Dito isso, é possível compreender que muitas pessoas são marginalizadas porque não conseguem dominar a escrita, consoante à norma culta. Isso posto, é indubitável dizer que um discurso a partir de registros do real, diferente daquele que habita apenas na nossa imaginação – símile da ficção – permite a dignidade de quem vive amordaçado(a).

Uma experiência, através da produção de documentários durante a pandemia do Covid-19, permitiu que os(as) discentes pudessem demonstrar seu grau de letramento no que tange aos aspectos digitais para desenvolver suas produções a partir das mais variadas leituras. Pensemos em letramento enquanto uma prática sociocultural de leitura e escrita que envolve os usos sociais da escrita em diferentes contextos para a formação cidadã.

Como resultado, surge uma investigação na área de letramento, identidades e formação de educadores(as) a partir da perspectiva étnico-racial e classe, com foco nas políticas públicas voltadas ao acesso e à permanência dos discentes de escolas públicas. Uma sequência didática (SD) para a produção de documentários cujo protagonismo foi de exclusividade discente. Haja vista que no documentário – desde a pré-produção à pós-produção – tal como assevera Puccini (2009), as personagens podem aparecer não somente na situação de conflito, mas também no envolvimento com o gênero entrevista e em contextos nos quais terão que encenar. Isso posto, temos um ambiente propício para a prática de leituras, outrossim, advém, nesse contexto, a propagação da escrita e da leitura digitais. Isso posto, aflorou-se este trabalho cujos objetivos estão voltados à proposta de um letramento capaz de

permitir que os discentes cotistas do IFBA pudessem se sentir na condição de sujeitos deste processo de ensino-aprendizagem.

Documentário: um gênero voltado ao letramento digital

A internet permite a conexão com pessoas e com o mundo, em outros tempos, impossíveis de serem imagináveis. Hodiernamente, isso tem sido possível por conta dos avanços das tecnologias. Em síntese, essa inter-relação ratifica a necessidade de um mundo voltado ao letramento digital. Entendamos que o

Letramento digital diz respeito às práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e tablets, em plataformas como e-mails, redes sociais na web. (RIBEIRO; NOVAIS, 2013, p. 01).

Por outro lado, a ausência desse letramento digital contribui para a exclusão de discentes, principalmente quem faz parte da classe marginalizada pelas mazelas sociais. Isso posto, cabe à escola “propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber.” (SAVIANI, 2013, p.14). Se o cenário é de profundas mudanças, há uma carência de um letramento nos mais variados contextos de informações.

Desse modo, faz-se necessário um diálogo com autores(as) que nos asseguram o conceito de letramento. Como já foi exposto, a prática de letramento está carregada de relação de poder, seja na família, na igreja, na política e/ou na escola, por se tratar “de espacios como: la familia, la escuela, la iglesia, el correo, la biblioteca, el trabajo y la distribución y venta de publicaciones comerciales en kioscos y locales cerrados, la radiografía es mu y precisa y exhaustiva”, em concordância com Kalman (2002, p. 08).

Antagonicamente ao que se espera, encontramos espaços marcados pelas relações de poder e dominação por parte daqueles que são prestigiados, em relação aos que se encontram à margem do contexto social, de acordo com Ribeiro, Santos e Paiva (2019). Esses autores nos apresentam uma possibilidade para se pensar em um letramento intercultural, levando em consideração que as

aquisições de práticas de letramento, ligadas às identidades culturais, podem promover transformações que devem ser analisadas, especificamente, visto que formas culturais dominantes impõem seu letramento como único, fingindo neutralidade, enquanto marginalizam práticas alternativas. (RIBEIRO; SANTOS; PAIVA, 2019, p. 137).

Sobre esses fenômenos sociais, não podemos, como dissera Lèvi-Strauss (2012), ficar calado frente aos processos históricos e às expressões dos fenômenos sociais. O mesmo autor também assegura que esses fenômenos estão atrelados a eventos relacionados ao estilo de vida e à forma de pensar de cada indivíduo. Há um poder sobre a vida de cada pessoa que acaba assumindo a forma de comércio a ponto de se tornar possível dizer que a vida de um escravo é propriedade do seu dominador e, com isso, a imposição de um letramento único – ainda que pareça redundante.

O trabalho realizado com o gênero documentário proporcionou aos discentes uma forma de poder familiarizá-los com a linguagem audiovisual, além de auxiliá-los na desenvoltura de uma postura mais crítica sobre a representação do mundo através de vídeos e imagens compartilhados. Outrossim, não é uma atividade apenas para fugir da rotina escolar, esse “conteúdo” faz parte dos componentes curriculares do ensino de língua portuguesa visando capacitar o aluno na leitura e produção das mais variadas tipologias textuais: verbais, não verbais e multimodais, tal como nos assegura a BNCC (2018) ao citar a importância do trabalho com as práticas contemporâneas de linguagem.

Estudo etnográfico – a escolha sistemática

No ano de 2020, o mundo viveu uma das maiores pandemias: a do covid-19. Essa, obrigatoriamente, provocou uma mudança paradigmática causando o deslocamento do espaço físico da sala de aula para um ambiente virtual: o *classroom*. Contexto que exigiu de cada docente mudanças radicais na sua prática pedagógica. Para Alves (2003), seria a dilatação do espaço-tempo formativo, exigindo o uso de artefatos das tecnologias digitais à paisagem educacional, bem como de novas metodologias de ensino.

A pandemia do Covid-19 externalizou a carência de dominar artefatos e metodologias dantes como desnecessários ao fazer pedagógico. A exemplo daquilo que ocorrera na mudança entre os textos impressos e os digitais, a esse respeito, Lajolo e Zilberman (2009) afirmam que quando ocorre alguma modificação entre essas modalidades citadas, as transformações tornam-se inevitáveis, de igual maneira, a multileitura e o multiletramento são indispensáveis nesse novo contexto pedagógico.

A escolha sistemática teve como amparo o pensamento de Lüdke e André (1986, p. 15), por entenderem que etnografia é a descrição de aspectos da cultura e acaba revelando pressupostos que, por sua vez, especificam “a realidade e formas particulares de coleta e

apresentação de dados” e, dessa forma, é possível fazer leituras e escritas etnograficamente. Ademais, a ação etnográfica consegue

abrir caminhos passando das contingências para a autodeterminação, para inclusão na escola, na vida social, no mundo da existência solidária e cidadã. Fazer Etnografia é um pouco de doação de ciência, de dedicação e de alegria, de vigor e de mania, de estudo e de atenção. Fazer Etnografia é perceber o mundo estando presente no mundo do outro, que parece não existir mais (MATTOS; CASTRO, 2011, p. 45).

Há tempos, os ambientes escolares carecem de melhores condições para que o letramento digital, de fato, seja um direito. Com base na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (texto redigido no dia 6 de junho de 1996, em Barcelona com o patrocínio da UNESCO) pode-se expressar, em conformidade com o artigo 40.º, que

Todas as comunidades linguísticas têm direito a dispor, no campo da informática, de equipamentos adaptados ao seu sistema linguístico e de utensílios e produtos na sua língua, a fim de aproveitarem ao máximo as potencialidades oferecidas por estas tecnologias no que respeita à auto-expressão, à educação, à comunicação, à edição, à tradução e, em geral, ao tratamento da informação e à difusão cultural (BARCELONA, 1996, p. 11/12).

É imprescindível conhecer o contexto do ambiente onde a pesquisa se realiza. Macedo (2006) ressalta que estar presente com as pessoas, vivenciar suas vidas e viver a própria vida assegura a possibilidade de relatar fidedignamente cada um desses momentos. Dessa maneira, será possível entender o paradigma de uma determinada comunidade diante dos diálogos que surgem entre investigadores e sujeitos, (BOGDAN e BIKLEN, 1994).

Dessarte, para ter êxito na pesquisa, é indispensável observar, coletar, entrevistar e registrar os dados para que se possa entender o universo escolar. Um diário de bordo para ir fazendo as anotações de tudo que estava relacionado à escola e que possa nos ajudar na compreensão do letramento tornou-se imprescindível. Em outras palavras, “a etnografia consiste na observação e análise de grupos humanos tomados em sua especificidade (LEVI-STRAUSS, [1958]2008, p. 14).

Apossando-nos do pensamento de Moran (2013), poderemos dizer que se soubermos ensinar com as novas mídias, consequentemente, estaremos causando uma profunda e significativa revolução, contanto que saibamos mudar os paradigmas convencionais da educação. Dado que as escolas são instrumentos sociais, por este motivo, essas instituições de ensino precisam assumir a sua real função: guarnecer a população dos instrumentos básicos para sua participação no contexto social.

O letramento digital – uma expectativa da leitura de mundo

Um sujeito para ser parte integrante, ele precisa se posicionar! Não obstante, ele age como alguém que está sem rumo ao demonstrar o desejo de não mais continuar, ou seja, sua vontade é de desistir, só não faz isso por conta da pressão familiar. Esse cenário cria um mal-estar na escola e, por isso, o desejo constante por um ambiente diferente. Dito isso, é urgentemente que a escola seja

reinventada e se afirme como um locus privilegiado de formação de novas identidades e mentalidades capazes de construir respostas, sempre com caráter histórico e provisório, para as grandes questões que enfrentamos hoje, tanto no plano local quanto nacional e internacional. (CANDAU, 2008, p. 33).

Por isso, em meio à pandemia jamais vivida por essa geração, estávamos tendo aula síncrona – algo nunca antes vivido. Nesse contexto pandêmico, foi apresentada às turmas do 1º ano do ensino médio profissionalizante a 7ª edição da Olimpíadas de Língua Portuguesa (OLP). Obviamente, a maioria dos discentes demonstrou falta de interesse, mas no final da produção, houve uma mudança significativa. Quanto à produção de documentário, é oportuno trazer a contribuição de Melo (2019) ao nos assegurar a importância da “subjetividade do(a) autor(a), pois esse(a) pode opinar, tomar partido, expor-se, deixando claro para o espectador(a) qual o ponto de vista que defende sem precisar camuflar a sua própria opinião ao narrar um evento.” (Melo, 2019, p. 15)

Trabalhamos com o documentário “Ilha das Flores” a fim de poder fazer uma análise e também responder às seguintes questões: esse curta pode ser considerado como um documentário? Mas não deveria ser “sim” ou “não” como resposta, era necessária a fundamentação da mesma. Essa discussão sobre “Ilha das Flores” provocou um interesse significativo por parte dos discentes. Houve um ótimo envolvimento da turma ratificando que os estudantes quando não têm o seu lugar de fala respeitado, não se sentem parte do processo. Esse quadro “na escola brasileira, indubitavelmente, não contribui para o desenvolvimento crítico do aluno leitor, visto que a sua voz é constantemente silenciada e as suas experiências sociais e culturais são invisibilizadas”. (CRUZ, 2022, p. 30).

Em seguida, houve um aprofundamento sobre técnicas de gravação, enquadramento, como escrever o roteiro e ainda, tivemos contatos com outros documentários. Uma aluna chegou a relatar que “aprendi que devo valorizar mais minha terra”. Outra, ao contrário, disse na aula que “esse trabalho é uma m#rda” e saiu da sala. Situação desagradável, mas não se compara à situação de alguns que acabaram se contaminando com a corona vírus, é importante destacar que a contaminação não se deu por conta da realização do trabalho.

Tivemos contatos diretos, não apenas com o gênero documentário, mas também com os seus subgêneros: sinopse, storyboard, argumento e o roteiro.

Essa SD, de fato, permitiu-nos uma familiaridade com o gênero estruturante e os demais que foram relevantes para a realização do trabalho. As aulas síncronas ganharam um significado ímpar a partir dos recursos linguísticos, discursivos e estilísticos presentes nas oficinas para estudo, pesquisa e produção dos documentários. Lembro-me da preocupação de uma aluna quando me questionou “professor, mas estamos numa pandemia”. Imediatamente, e com todo cuidado psicopedagógico, ela e os demais colegas ouviram desse professor “Só façam o trabalho em um espaço que ofereça total segurança à saúde de vocês”. Trabalhei todo o conteúdo do caderno do professor. Na oficina sobre enquadramento, a participação dos alunos foi muito relevante – eles se encantaram com as cenas de “La La Land”.

Após a realização das oficinas de orientação para a produção, foi solicitado que cada trio (o regulamento permitia que o trabalho fosse realizado dessa forma) criasse com uma ideia que coubesse em 5 minutos – muita reclamação porque não acreditavam que conseguiriam realizar em tão pouco tempo, mas em seguida, após nova fala explicativa do docente, houve uma participação mais significativa. Resolvida essa questão, agora um novo desafio: como seria o documentário deles? Após as muitas leituras digitais (documentários e os textos em PDF), ficou acordado que na aula seguinte trabalharíamos com as partes escritas desse gênero.

Não foi fácil para convencê-los/as a participar da OLP. Primeiro, por conta da pandemia; segundo, porque eles/as disseram que daria muito trabalho. Dessa forma, vi-me “obrigado” a colocar como uma atividade avaliativa do trimestre posterior, uma vez que as produções só ficariam prontas subsequente àquela unidade em curso. Mesmo assim, seis alunos continuavam resistindo, até que tive a ideia de trabalhar de forma interdisciplinar (em conjunto com professores de outras disciplinas): o tiro foi certo – feito isso, houve 100% de participação.

Após a sinopse, o argumento e o roteiro, os alunos começaram adotaram outra postura diante das produções. Isso provocou uma sensação de contentamento neles – e em mim também. Mesmo com essa empolgação, precisamos prorrogar o prazo da produção final. Haja vista, o comprometimento de alguns que doravante queriam a melhor produção possível – contexto adverso àquele de outrora.

No início, tínhamos um encontro síncrono por semana, mas vi que eles ficavam muito desligados do gênero, por isso, resolvi trabalhar apenas com esse tema (gênero textual) até

concluir todas as oficinas (de acordo com o caderno do professor disponível no site “Escrevendo o Futuro”. E, dessa forma, corroboro “que se faz necessário investir na promoção do diálogo em sala de aula sobre o produto que se está produzindo e consumindo, visto que este diálogo é, portanto, uma ação pedagógica decolonial que visibiliza a palavra, a ação e a reflexão do estudante na escola.” (CRUZ, 2022, p. 31).

Considerações finais

O ensino remoto, forçadamente, acabou nos proporcionando uma excelente contribuição para poder trabalhar com o letramento digital. Os cadernos docentes disponibilizados pelo portal “Escrevendo o Futuro” foram de suma importância no auxílio e/ou orientação para o melhor desenvolvimento desse trabalho – o documentário se tornou em uma riquíssima SD através das oficinas sugeridas para o referido gênero. Por trabalhar com alunos de um Instituto Federal (IF), com alunos de várias cidades da região (tal como foi dito anteriormente), esse foi, sem dúvida, um dos maiores desafios.

A solução que alguns encontraram foi falar do local de estudo, das aulas remotas ou das suas casas. Ouvi de uma aluna que ela ficou “muito satisfeita que isso tenha acontecido, pois, independente se é cidade grande ou pequena, temos que conhecer mais sobre o lugar vivemos”. Se por um lado, alguns reclamaram muito, por outro, também ouvimos que “adoraria que esse documentário tivesse uma duração maior, uma vez que há tanta coisa para relatar, que poderia facilmente ter uma hora de duração”.

Na análise feita a partir dos relatos de experiências (produzidos pelos discentes) sobre os trabalhos produzidos, de fato, pode-se afirmar que houve sim uma (trans)formação de muitos(as) estudantes em cidadãos(ãs) críticos(as) por demonstrarem-se conscientes para ler além do que está posto e perceberem as intencionalidades – quase sempre implícitas – no texto.

Se o IFBA tem a missão de “promover a formação do cidadão histórico crítico, oferecendo ensino, pesquisa e extensão com qualidade socialmente referenciada, objetivando o desenvolvimento sustentável do país” (IFBA, 2019, p. 01), então, para cumprir essa meta, o instituto precisa propor atividades capazes de (trans)formar leitores(as) em ciberleitores(as) ou leitores(as) ubíquos(as) - nesse sentido, sustentado pelo pensamento de Santanella (2013), é necessário conhecer os caminhos para navegar nos ambientes virtuais compreendendo os textos para mergulhar na diversidade de mídias e formas de textos digitais.

Dessa forma, a partir do letramento sociodigital, ter-se-ia um letramento digital para possibilitar uma leitura de cunho social dos diversos gêneros discursivos, permitindo um

diálogo entre os diversos gêneros textuais e a vida cotidiana dos alunos. Longe de querer marginalizar outras possibilidades de letramento, devemos “explorar os modos como, tanto em casa quanto na escola, as concepções dominantes de letramento são construídas e reproduzidas de tal maneira a marginalizar as alternativas e, sugeriríamos, a controlar os aspectos cruciais de linguagem e pensamento” (STREET, 2014, p. 121).

Ainda em concordância com o mesmo autor, não devemos cometer o equívoco de reduzirmos o letramento à pedagogização do letramento, ou seja, há letramento além das atividades propostas pela escola, um letramento social, Street, (2014). Então, para trabalharmos com o gênero documentário, precisamos ter esse conhecimento – além do letramento digital.

Por fim, para a inclusão social, é imprescindível o letramento digital para a propagação da leitura, Rebêlo (2005). Para tanto, é necessário se repensar o ensino da língua materna com foco na formação de sujeitos críticos visto que letramento da neutralidade não existe, ele está carregado de ideologias, ou seja, o letramento é sim “uma prática ideológica, envolvida em relações de poder e incrustada em significados e práticas culturais específicos”. (STREET, 2014: 17).

O discente não poderá exercer seu papel de cidadão enquanto não conseguir “dominar” as mídias digitais, partindo do princípio de elas podem “transformam os modos de agir e de interagir, de ser e de estar no mundo, em uma sociedade cada vez mais conectada em redes colaborativas, operar as diversas linguagens em meios digitais torna se imprescindível para atuar enquanto cidadãos na hipernormatividade.” (SILVA; SANTANA; CUNHA, 2019, p. 34).

Dito isso, entendemos que a ausência de um letramento digital pode levar a uma atitude passiva por parte dos leitores, destarte, a escola tem o dever de assumir o papel de mediadora entre o leitor e o meio social, Cunha (2014). Contudo, é preciso pensar qual letramento estamos propondo: um letramento escolar ou o da ideologia dominante? Distante de ser uma atitude de neutralidade, Street (2014) diferencia esses dois modelos, nominando-os de autônomo e ideológico. Aquele está centrado em práticas de leitura de modo técnico – à margem das contextualizações sociais; enquanto este volta-se às práticas do letramento que implica na relação poder na sociedade e compreensão dos diversos gêneros textuais, Marcuschi (2008).

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. Revista Brasileira de Educação, v. 23, Rio de Janeiro: maio/ago. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000200005&script=sciarttext>. Acessado em: 15/08/ 2023.

BARCELONA, Espanha. Declaração Universal dos Direitos Linguísticos. 1996. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf. Acesso em 04/08/2023

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S.K. Investigação qualitativa em educação – Universidade da Madeira, Funchal, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CANDAU, Vera Maria. (2008). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas / Antônio Flávio Moreira, Vera Maria Candau (orgs.). 2. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. (org.). Direitos linguísticos e outras narrativas de direitos negados / Organizadora: Maria de Fátima Berenice da Cruz. -- 1. ed. – Aracaju, SE : Criação Editora, 2022.

CUNHA, Antonio. Eugênio. Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade. 4ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler. 1º ed. São Paulo: Moderna, 2003.

IFBA. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. Processo Seletivo 2019: novidades. Ministério da Educação: IFBA, 2019. Disponível: <https://portal.ifba.edu.br/processoseletivo2019/novidades/novidades> Acesso: 22/07/2023.

KALMAN, Judith. Saber lo que es la letra. Una experiencia de lectoescritura con mujeres de Mixquic. México: IEU-Siglo XXI Editores, 2004, 190 p.

KLEIMAN, A. (Org.) Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “A análise estrutural em lingüística e antropologia” [1945]. In: Antropologia Estrutural. Tradução Beatriz Perrone-Moisés, São Paulo, Cosac Naify, [1958]2012.

LÜDKE, Menga. L975p Pesquisa em educação: abordagens qualitativas I Menga Lüdke, Marli E.D.A. André. - São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino)

MACEDO, Roberto Sidnei. Etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação. 2ª ed. Salvador: EDUFBA. 2004.

_____. Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação. Brasília: Liber Livro, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. Editora: Parábola, 2008.

MELO, Cristina Teixeira de. Caderno do professor Orientações para produção do gênero Documentário. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/concurso>. Acesso em 13/08/2023.

MORAN, J. M. Mudando a educação com metodologias ativas. In Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Coleção Mídias Contemporâneas. 2015 Disponível em http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2023/08/mudando_moran.pdf.

PUCCINI, Sérgio. Roteiro de documentário, da pré-produção à pós-produção. Campinas: Editora Papirus, 2009.

REBÊLO, Paulo. Inclusão digital: o que é e a quem se destina? Reportagem publicada em 12 maio 2005. Disponível em: <http://webinsider.uol.com.br/print.php?id=2443>. Acesso em 20/07/2022.

RIBEIRO, A. E.; NOVAIS, A. E. (Orgs.). Letramento digital em 15 cliques. Belo Horizonte: RHJ, 2013.

RIBEIRO, Erika Jane; SANTOS, Cosme Batista dos; PAIVA Carla Conceição da Silva. Clã Virá : Um estudo de cunho etnográfico da escrita de resistência no vale do São Francisco. Revista ComSertões – Juazeiro-BA, v.7, n.1, julho-dezembro de 2019.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11º. ed. revisada. Campinas, SP: Autores Associados, 2013. (Coleção Educação Contemporânea).

SILVA, Maria Jeane Souza de Jesus; SANTANA, Neidson Dionísio Freitas de; CUNHA, Úrsula. Letramento digital crítico e formação do leitor na cultura digital: algumas considerações. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/hipertextus/article/view/247989/36472>. Acesso em 27/12/2022.

STREET, B. V. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 240p.